

RESUMOS LITERÁRIOS – VESTIBULAR 2010 UPE

Primeiras Estórias

[Guimarães Rosa]

No início do conto 'Famigerado', o narrador pergunta: 'Quem pode esperar coisa tão sem pé nem cabeça?'. Na verdade, todas as narrativas de Primeiras Estórias, de João Guimarães Rosa, causam essa mesma impressão: acontecimentos inusitados, comportamentos aparentemente inexplicáveis, histórias contadas por meio de uma linguagem fora do comum.

Por trás desses casos 'sem pé nem cabeça', parece sempre se esconder um sentido misterioso. Por que o pai de 'A Terceira Margem do Rio' decide, de uma hora para outra, mudar-se para uma canoa e lá permanecer até seu desaparecimento? De que forma Nhinhinha, a 'Menina de Lá', podia conhecer seu futuro e 'encomendar' dias antes de sua morte um caixãozinho cor-de-rosa? Para desvendar enigmas como esses, deve-se aceitar que a realidade não pode ser explicada unicamente pela lógica racional.

Em Primeiras Estórias, parece haver 'leis' desconhecidas que regem as vidas das personagens, pressupõe-se um 'mundo paralelo', físico, que influencia a conduta humana. O contato com essas 'forças invisíveis' depende de uma sensibilidade aguçada. Por isso muitas das personagens dos contos de Guimarães Rosa são estranhas. 'Loucos' [como Darandina ou Tarantão], crianças extremamente sensíveis [como o Menino, de 'As Margens da Alegria', ou Brejeirinha, de 'A Partida do Audaz Navegante'], apaixonados [como Sionésio, de 'Substância'], todos representam seres especiais, que parecem viver em outra dimensão, demonstrando uma sabedoria inata, intuitiva. São, enfim, seres iluminados.

Essa iluminação relaciona-se à teoria platônica da reminiscência. A alma, sendo imortal, teria vivido em contato com o mundo Ideal, o plano da Perfeição. Ao encarnar, a alma guardaria lembranças difusas, inconscientes, desse mundo 'bom, belo e verdadeiro', para o qual deseja profundamente retornar. Algumas experiências no plano terreno teriam o poder de despertar na alma o gosto da Perfeição, possibilitando uma 'redescoberta' de uma alegria até então adormecida.

Esses momentos de epifania, reveladores de uma Verdade oculta, transformam a vida das personagens. Nesse sentido, o encontro com o belo, o desejo de livrar-se do peso da matéria, o sentimento amoroso são situações de aprendizado: libertam a alma das impurezas da vida e levam o ser humano a uma condição 'superior', mesmo que não tenha plena consciência disso. Como se diz em 'Nenhum, Nenhuma', 'a gente cresce sempre, sem saber para onde'.

FICHA

Autor

João Guimarães Rosa nasceu em 1908, em Minas Gerais. Enquanto trabalhava como médico no interior, registrava o que ouvia e via: expressões, anedotas, versos, tipos humanos. Essas anotações foram amplamente usadas em sua obra.

Obra

Publicado em 1962, seis anos depois do romance Grande sertão: veredas, Primeiras estórias consta de 21 contos.

Linguagem

Destaque da literatura de Rosa, a linguagem é marcada por forte originalidade. Alia a informalidade da linguagem coloquial à complexidade da linguagem poética. O tom é variado: ora sério [lírico ou dramático], ora cômico.

Temas

Sentido oculto da existência, crescimento espiritual por meio de experiências amorosas, vida como aprendizado, sensibilidade extraordinária manifestando-se pela loucura e pela ingenuidade infantil, vida como predestinação, limites entre bem e mal.

01. As margens da alegria

O conto tem como protagonista um menino que viaja com os tios para o local onde estava sendo construída uma grande cidade.

Inicialmente, conta-se o deslumbramento do menino diante da viagem de avião, da chegada, da natureza, das "novas tantas coisas" inéditas que se apresentam a ele. Contudo, o alvo de sua maior admiração fora um peru, que encontrara no terreiro da pequena casa onde ele e os tios estavam. Tudo na ave o impressiona: sua imponência, suas cores, sua beleza, seu "gluglu". O menino sai para outro passeio, vê outros animais e outros lugares, porém a simples lembrança do majestoso peru o deixa extasiado. Na volta, procura o animal, mas descobre que ele havia sido morto para comemorar o aniversário de seu tio. Com o desaparecimento do animal, o menino experimenta sensações desconhecidas: o "desgosto", e "desengano", a "circuntristeza". A curiosidade e a expectativa com relação a tudo o que ainda estava por ser visto o abandonam.

Passeia novamente com os tios por onde a nova cidade se erguia. De volta, descobre a presença de outro peru. Este não possuía o "recacho", o "englobo", a "elegância" do primeiro, mas atenua sua tristeza. Já anoitecia, quando menino descobre outro animal que o surpreende: era o primeiro vaga-lume daquela noite. A visão do animalzinho deixa-o novamente feliz. Finalmente, "era outra vez em quando, a Alegria".

Através de seu principal personagem – seus pensamentos e emoções, o conto tematiza o primeiro confronto da criança com a morte e a sensação da perda e desolação trazida por ela.

O narrador, em 3ª pessoa, assume a perspectiva do menino, descrevendo sempre seus sentimentos de alegria e de tristeza.

02. Famigerado

Famigerado constitui-se num episódio cômico cuja trama é a seguinte: um médico do interior [narrador da história] recebe a visita de quatro cavaleiros rudes do sertão. Seu líder, Damásio, conhecido assassino da região, quer que o doutor o esclareça a respeito do significado da palavra "famigerado". Veja como a pergunta é feita: "-Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: famisgerado...faz-me-gerado...falmisgeraldo...famílias-gerado?" O médico, temeroso de revelar o verdadeiro sentido da palavra, mente, pois teme a violência de Damásio contra o "moço do Governo" que assim o havia chamado. Ele explica que "famigerado" quer dizer "célebre", "notório", "notável".

O assassino depois de tranqüilizado com a resposta do médico, agradece e vai embora. Antes, porém, considera que: "Não há como as grandezas machas de uma pessoa instruída."

Nesse conto, podemos opor o poder da força, Damásio, ao poder da instrução, do conhecimento médico. Caso o médico tivesse revelado o sentido dicionarizado do termo "famigerado", estaria, por certo, infligindo uma sentença de morte ao moço.

Guimarães Rosa tematiza, no conto, a importância da linguagem. Seu conhecimento ou não determina as posições sociais.

03. Sorôco, sua mãe, sua filha

O conto narra a estória de Sorôco, viúvo que está para mandar sua mãe e sua filha dementes para um hospício em Barbacena. As pessoas do povoado ajuntam-se, silenciosas e solenes, em volta do vagão do trem em que elas viajarão.

Sorôco, sua mãe e sua filha surgem, provenientes da rua onde moram, e dirigem-se ao vagão. A moça principia a canta "que nem os santos e os espantos". Logo depois, a velha acompanha a neta em seu canto sem sentido.

O trem chega e as duas partem para não mais voltar.

Sorôco mantém-se calado, experimentando um profundo sofrimento. As pessoas, por sua vez, mostram-se solidárias: "Todos no arregalado respeito, tinham as vistas neblinadas. De repente, todos gostavam demais de Sorôco."

Ele parece mover-se em direção à casa, contudo é tomado por arrebatamento momentâneo e começa a entoar a mesma cantiga das loucas. A comunidade, "de dó do Sorôco", acompanha-o no canto, e todos o conduzem para casa.

O protagonista, desorientado em seus sentimentos com a partida da filha e da mãe, e sem meios de verbalizar suas emoções, expressa-se de maneira semelhante à utilizada por elas. O conto fixa esse momento de exaltação, quando, num comportamento inusitado, Sorôco termina por envolver a todos.

04. A menina de lá

O conto tem protagonista uma menininha, de nem quatro anos, chamada Nhinhinha. Ela nos é apresentada como um indivíduo de características muito especiais: fala pouco, brinca pouco, inventa palavras e estórias "absurdas, vagas, tudo muito curto". Até o narrador [personagem que testemunha parcialmente os fatos] desconfia de suas atitudes: "seria mesmo seu tanto tolinha?" Os pais e a tia, parentes com quem mora, acostumaram-se com seu jeito quieto, introspectivo, mas destemido.

Contudo Nhinhinha começa a surpreender realmente, quando realiza seus primeiros "milagres". Primeiramente, seus desejos são simples e despreziosos, mas prontamente atendidos. Quer ver um sapo e, como por encanto, uma bela rã brejeira aparece. Quer comer pamonhinha de goiaba e surge uma dona, de longe, com os tais pãezinhos.

Seus feitos vão-se tornando mais significativos: sua mãe que havia adoecido cura-se com um afago da filha: desejou ver o arco-íris, e choveu na região, que estava sendo castigada pela seca. "O que ela queria, que falava, súbito acontecia."

Mas Nhinhinha, repentinamente, adoece e morre. Todos ficam desolados e começam os preparativos para os funerais. Então Tiantônia revela que a menina, no dia da chuva, havia dito "que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhante". O pai não admite realizar o desejo da filha, pois entende que isso seria ajudá-la a morrer. A mãe pensa o contrário. Discutem. Ela, por fim, tranquiliza-se: se essa fora a vontade de sua filha, havia de concretizar-se "...pois havia de sair bem assim, do jeito, cor-de-rosa com verdes funebrilhos, porque era, tinha de ser! – pelo milagre, o de sua filhinha em glória, Santa Nhinhinha."

O narrador de "A menina de lá" é testemunha parcial dos fatos. Os demais acontecimentos são narrados a partir do relato de outros, o que nos permite compreender que a história da menina já é bem conhecida na região: "Sei, porém, que foi por aí que ela começou a fazer milagre. E, vai, Nhinhinha adoeceu e morreu. Diz-se que da má água desses ares."

O narrador não questiona a veracidade dos acontecimentos, reproduzindo a visão de mundo do homem do sertão, a partir de seus mitos e crenças.

05. Os irmãos Dagobé

É noite e a cena inicial do conto é a do velório de Damastor Dagobé, o mais velho dentre quatro irmãos. Estes são conhecidos como os "demos" da região, gente extremamente violenta, descritas como facínoras pelo narrador. É também através do narrador que ficamos sabendo que ele fora morto por um "lagalhé" [um João-ninguém, pessoa sem importância] pacífico e honesto, chamado Liojorge. Este matara Damastor em legítima defesa, pois ele o atacara sem nenhuma razão.

A tensão da narrativa aumenta à medida que as pessoas que velam Damastor ponderam a respeito da atitude que os Dagobé tomariam contra Liojorge. Este se oferece para carregar o caixão, num gesto de humildade e numa última tentativa

de inverter seu destino, que, ao que tudo indicava, já estava traçado.

Ao amanhecer, o enterro deixa a casa a caminho do cemitério. Liojorge segura uma das alças do caixão, cercado pelos Dagobé. As expectativas intensificam-se: todos pensam que, logo após o enterro, eles se vingarão.

Porém os Dagobé agem surpreendentemente, absolvendo o assassino do irmão: “-Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso irmão é que era um diabo de danado...”

Dito isso, os irmãos agradecem a atenção dos presentes e comunicam que deixariam o povoado: “-A gente, vamos embora, morar em cidade grande...”

A lei do mais forte e o poder da força são novamente tematizados nesse conto, acentuada ainda pela ausência de qualquer autoridade instituída que possa controlar a ação dos Dagobé. Também é enfocada a imagem criada pelo povo em torno de seus mitos. Os irmãos criminosos são respeitados e temidos por sua crueldade e invencibilidade. Contudo a narrativa desmitifica essa visão, uma vez que eles revelam seu lado pacífico. O mito que permanece é o de Damastor Dagobé.

06. A terceira margem do rio

“A terceira margem do rio” conta-nos a história de um homem que evade de toda e qualquer convivência com a família e com a sociedade, preferindo a completa solidão do rio, lugar em que, dentro de uma canoa, rema “rio abaixo, rio a fora, rio a dentro”.

Por contradizer os padrões normais de comportamento, ele é tido como um desequilibrado.

O narrador-personagem é seu filho e relata todas as tentativas da família, parentes, vizinhos e conhecidos de estabelecer algum tipo de comunicação com o solitário remador. Contudo o pai recusa qualquer contato.

A família, inicialmente aturdida com a atitude inusitada do pai, vai-se acostumando com seu abandono. Com o tempo, mudam-se da fazenda onde residiam; a irmã casa-se e vai embora, levando a mãe; o irmão também muda-se para outra cidade. Somente o narrador permanece.

Sua vida torna-se reclusa e sem sentido, a não ser pelo desejo obstinado de entender os motivos da ausência do pai: “Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio-pondo perpétuo.”

Um dia, dirige-se ao rio, grita pelo pai e propõe tomar o seu lugar na canoa. Mediante a concordância dele, o filho foge, apavorado, desistindo da idéia: “E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. [...] Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado.”

O narrador-personagem nos dá a conhecer um ser humano cujos ideais de vida divergem dos padrões aceitos como normais. Trata-se do pai do narrador, o qual com sua atitude obstinada, ao mesmo tempo, afronta e perturba seus familiares e conhecidos, que se vêem obrigados a questionar as razões de seu isolamento e alienação.

O único a persistir na busca de entendimento da opção do pai é o narrador, que não descuida dele e chega a desejar substituí-lo. A escolha do isolamento no rio instiga permanentemente o filho. Este é levado a questionar o próprio existir humano.

07. Pirlimpsiquice

Em "Pirlimpsiquice", o narrador-personagem, já adulto, narra um episódio transcorrido em sua infância, quando estudava interno em um colégio.

A trama é a seguinte: um grupo de alunos é convocado para encenar uma peça teatral [Os filhos do doutor Famoso]. Entusiasmados, os meninos ouvem o resumo do drama, lido pelo Dr. Perdigão "lente de corografia e história-pátria",. O narrador é escalado para ser apenas o ponto.

Passam a ensaiar todo o final de tarde, depois do jantar, enquanto os outros cumprem horas obrigatórias de estudo e prometem badernas e vaias durante a apresentação e sovas depois.

No dia da apresentação, Atualpa, o menino que representaria o papel mais importante – o Dr. Famoso – tem de viajar às pressas, pois seu pai está à morte. O ponto, por conhecer todas as falas das personagens, é escalado para substituí-lo.

Quando já está frente ao público, o menino se dá conta de que deveria iniciar com a declamação de um poema que falava na "Virgem Padroeira e na Pátria!, mas este era conhecido somente por Atualpa. Diante da hesitação e do silêncio do menino em cena, o público ri.

Este, por fim, diz trêmulo: "-Viva a Virgem e viva a Pátria". Porém a confusão não para aí. Mandam abaixar as cortinas do palco, mas elas não descem. Entram as crianças para a próxima cena, mas "apalermados" não proferem palavra. Como consequência: "-A vaia, que ninguém imaginava. O que era um mar – patuléia, todos em mios, zurros, urros, assobios: pateada. A gente, nada".

No meio da confusão, Zé Boné, um que "regulava de papalvo [indivíduo simplório, pateta] começa a representar; só que não a história prevista, mas uma outra, inventada por um colega – Gamboa – com quem os atores tinham rixas. A partir daí, os meninos passam a improvisar e conquistam o respeito da platéia que os aplaude.

A história vai se tornando tão envolvente que eles não percebem que têm de concluí-la: "Entendi. Cada um de nós se esquecera de seu mesmo, e estávamos transvivendo, sobrecrentes disto: que era o verdadeiro viver? E era bom demais, bonito – milmaravilhoso – a gente voava, num amor, nas palavras: no que se ouvia dos outros e no nosso próprio falar. E como terminar?"

O narrador é o único a perceber que a ilusão havia tomado o lugar da realidade e que isso teria de ter um fim. Então resolve dar uma cambalhota, para cair, de propósito. Perde o sentido e a peça é interrompida.

Em "Pirlimpsiquice", o protagonista é o próprio narrador que, já adulto, narra um episódio ocorrido no passado. O período a que o autor nos remete é o tempo prazeroso da infância, repleto de aventuras e de experiências inéditas, como a da arte de representar.

08. Nenhum, nenhuma

O conto tem como acontecimento principal a lembrança do narrador sobre um fato ocorrido na sua infância.

Ele narra com dificuldade, conforme a memória permite, os fatos que ocorreram durante sua estada em uma casa de fazenda, quando menino.

Os acontecimentos envolvem um homem, uma moça, seu namorado, o menino e uma velha.

Durante a narrativa, ficamos sabendo que o homem tem uma doença incurável e pode falecer a qualquer momento; que a velha, Nenha, de tão antiga, já não possui história pessoal conhecida; o moço e a moça rompem o namoro; o menino sente ciúmes do namorado da moça.

Depois da briga do casal, o moço parte, levando o menino consigo, de volta para casa, o que nos permite supor que ele estivesse encarregado disso.

Tanto o moço quanto o menino sentem profundamente a separação da moço e, durante a viagem, ambos choram.

Ao chegar, o menino é recebido pelos pais, os quais fazem perguntas que o menino considera fúteis, diante das sérias emoções vivenciadas na fazenda. Por isso, ele os repreende: "-Vocês não sabem de nada, de nada, ouviram?! Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!..."

"Nenhum, nenhuma" é uma estória construída na incerteza e na falta de exatidão com que os fatos são narrados. Estas são provocadas pela impossibilidade de a memória reter todo o passado na intensidade em que ele é sentido e no ordem em que acontece.

O que se notas, portanto, é a intenção de privilegiar o mundo infantil, que aflora, ainda que impreciso, tentando vencer todas as deficiências de memória do narrador.

09. Fatalidade

A história gira em torno de um delegado de polícia de uma cidadezinha do sertão e de um caipira, Zé Centeralfe. Este, tendo sua mulher perseguida por um rufião, recorre ao delegado para que ele resolva o caso. A solução passa pelo assassinio do perseguidor.

O conto contrapõe o poder da autoridade ao poder do homem comum, submetido às leis e tematiza, em última instância, a violência arbitrária existente no sertão. Esta, por sua vez, justifica o título, pois assume um caráter de fatalidade.

10. Seqüência

Narra a história da perseguição de uma vaca fujona por um rapaz, que julga ser o animal de propriedade de sua família. À perseguição do animal segue-se o encontro inesperado do rapaz com uma moça, e ambos apaixonam-se ao primeiro olhar.

A vaca havia conduzido o maço à fazenda de seus proprietários, lugar onde a moça morava, pois era filha do dono da fazenda.

Através da perseguição ininterrupta da vaca pelo rapaz, a qual termina com o encontro surpreendente dele com a moça, e com a imediata paixão sentida por eles, o conto tematiza a sucessão dos acontecimentos imprevisíveis que constituem a própria vida.

11. Espelho

O conto constitui-se em um relato, em 1ª pessoa, das experiências de um homem diante do espelho. A personagem dirige-se a um ouvinte que não chega a ter voz na narrativa.

“Espelho” tematiza o desejo intemporal e inerente ao homem de conhecer-se, de enxergar, além da máscara, a “vera forma”, a essência mesma do ser humano em um mundo desordenado onde “algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente”. Em “Espelho”, há a presença do fantástico, ou seja, ocorrência de situações insólitas e inexplicáveis que desafiam a razão. Observe a seguinte passagem: “Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada.”

12. Nada e a nossa condição

O conto possui como protagonista Tio Man’Antônio, grande fazendeiro, homem bondoso, reservado e simples. Vivia com a mulher Liduína, e com suas três filhas numa espaçosa casa “assobradada”, e cercado de agregados: “...diversidade de servos, gente indígena que por alhures e além estanciavam”.

Era amado pela família e respeitado pelos que o conheciam por sua sabedoria, previdência e resignação. Respeitavam-no, sobretudo por sua quietude, razão pela qual pouco compreendiam suas atitudes: "Isto, porém, que o encoberto dele a todos se impunha, separativo". Com a morte súbita de tia Liduína e, posteriormente, o casamento de suas três filhas, tio Man'Antônio passa a viver sozinho, a não ser pela companhia dos empregados da fazenda.

Mas, para ele, por detrás da "movida e muda matéria", havia "uma mor justiça; mister seria. Se o paiol limpo se deve de, para as grandes colheitas: como a de pede o todo e o vazio chama o cheio". E, dentro dessa concepção de justiça, ele distribui suas terras, aos poucos e sem alarde, a todos os que o cercavam.

Conservou somente as casa e nela morava. Mas, apesar de seu natural recolhimento, seus beneficiados sentiam-se atingidos com sua presença:

"Faziam de conta que eram donos, esses outros, se acostumavam. Não o compreendiam. Não o amavam, seguramente, já que sempre teriam de temer sua oculta pessoa e respeitar seu valimento, ele em paço acastelado, sempre majestade. Por que, então, não ia embora então, de toda vez, o caduco, maluco, estafermo, espantalho? Sábio, sedentariado, queria que progredissem e não se perdessem, vigiava-os, de graça ainda administrava-os, deles gestor, capataz, rendeiro. Serviam-no, ainda e mesmo assim. Mas, decerto, milenar e animalmente, o odiavam".

Quando tio Man'Antônio morre injustiçado e sozinho de amigo ou amor, seus beneficiados são tomados pelo remorso e pelo medo:

"Ai-me, ao horror de tanto, atontavam-se e calaram-se, todos, no amedronto de que um homem desses, serafim, no aleixamento pudesse finir-se; e temessem, com sagrado espanto e quase de não de seu cliente ódio, que, por via de tal falecer, enormidade de males e absurdos castigos vingassem a se desencadear, recairiam desabados sobre eles e seus filhos".

Sentem, por isso, necessidade de reverenciá-lo, através de um ritual, como a um santo. O ritual consistiu-se d queima da casa e do corpo de Tio Man'Antônio, enquanto as mulheres e homens "de cara no chão se prostravam, pedindo algo e nada, precisados de paz".

Neste conto, temos, de um lado Tio Man'Antônio, indivíduo superior, que se distingue dos demais por sua concepção elevada acerca da existência, bem como por suas atitudes, invariavelmente nobres. De outro, seus agregados, que não chegam a identificar outra relação a não ser a de subserviência.

A morte de Tio Man'Antônio provoca uma mudança de atitude por parte dos agregados, pois esses são tomados pelo medo. Se antes o desprezavam, depois de sua morte passam a envolvê-lo numa aura de santidade. Isso ocorre porque temem a justiça divina quer, para castigá-los por seu ódio infundado, poderia alterar seus destinos, fazendo com que desgraças se abatessem sobre eles.

A execução do ritual de adoração tem duplo objetivo: obter o perdão divino e restituir-lhes a paz de espírito.

13. O cavalo que bebia cerveja

O conto é narrado em primeira pessoa por Reivalino, um homem do meio rural. Ele nos conta sobre seu envolvimento com Giovânio, um italiano para quem fora trabalhar.

Do estrangeiro, conta-se que mudou para o interior do sertão no ano da gripe espanhola ocasião em que comprou a chácara na qual morava. Da casa, vigiava, atento e armado de uma espingarda, quem quer que se aproximassem.

Reivalino, a princípio, tinha aversão a Giovânio: "...nesse tempo não sendo ainda tão gordo de fazer nojo. [...] Tudo nele me dava raiva. Não aprendia a referir meu nome direito. Desfeita ou ofensa, não sou o de perdoar – a nenhum, de nenhuma."

Além disso, Reivalino estranhava certos procedimentos do estrangeiro, como o de manter a casa sempre fechada, e o de encomendar cerveja, dizendo que era para seu cavalo.

Numa de suas idas à cidade, o subdelegado, Seo Priscílio interpelou-o, juntamente com dois homens da capital. Eles estavam interessados na identificação do estrangeiro e instruíram Reivalino para que verificasse se o homem vivia realmente sozinho e se possuía um sinal velho de coleira, argolão de ferro, de criminoso fugido da prisão.

Curioso, Reivalino faz sua investigação e, por duas vezes, informa o subdelegado das atitudes suspeitas de Giovânio.

Numa das vezes, os policiais vão até a chácara com a desculpa de saberem que histórias seriam aquelas, de um cavalo beber cerveja? Giovânio, em resposta, pede a Reivalino que lhe traga o cavalo alazão, canela clara, bela face. Enquanto isso, despeja várias garrafas da bebida numa gamela. O animal, ao lhe oferecerem a cerveja, "já avançou, avispado, de atreitas orelhas, arredondando as ventas, se lambendo: e grosso bebeu o rumor daquilo, gostado, até o fundo; a gente vendo que ele já era manhudo, cevado naquilo" Os policiais dão-se por satisfeitos e vão embora.

Reivalino desconfiava de que algo misterioso se passasse na casa, mas comoveu-se com Giovânio: "- Irivalini, eco, a vida é bruta, os homens são cativos...". Depois disso, o empregado avisou ao policial que não mais colaboraria com ele.

Pouco tempo depois, o mistério é desfeito. Giovânio chama Reivalino para o interior da casa, onde jazia um cadáver coberto com um lençol: "- Josepe, meu irmão...", explicou o estrangeiro, mostrando o irmão morto.

Os policiais ainda vieram com "Seo Priscílio" para examinar o corpo. "Que esta é a guerra... –seu Giovânio explicou – boca de bobo, que se esqueceu de fechar, toda doçura".

Depois disso, Reivalino decide ir embora. Antes de partir bebe com Giovânio as cervejas que, segundo tudo indica, seriam destinadas a seu irmão. Já não sentia nojo pelo italiano. Confessa que só não o abraçou por vergonha, pois sentiu que choraria.

Quando Giovânio morre, deixa a chácara para Reivalino, de herança.

Com esse conto, Guimarães Rosa enfoca os horrores e a desagregação trazidos pela guerra, mostrando que o sertão se torna também lugar de homens refugiados, perseguidos e sós.

14. Um moço muito branco

O conto fala de um moço que apareceu, não se sabe de onde, na Fazenda do Casco, de Hilário Cordeiro, homem justo e bom que o acolheu.

Seu aparecimento ocorreu uma semana depois que estranhos fenômenos sucederam na comarca de Serro Frio, em Minas Gerais, no ano de 1872: "Dito que um fenômeno luminoso se projetou no espaço, seguido de estrondos e a terra se abalou, num terremoto que sacudiu os altos, quebrou e entulhou casas, remexeu vales, matou gente sem conta [...]".

O moço chegou pela manhã, maltrapilho, e dele o que mais chamou a atenção de todos foi a cor da pele: "Tão branco; mas não branquicela, senão que de um branco leve, semidourado de luz: figurando ter por dentro uma Segunda claridade".

O moço - "filho de nenhum homem" - não falava, não ouvia e tinha perdido a memória. Todos se compadeceram e gostaram dele. Especialmente José Kakende, negro "de idéia conturbada" que dizia ter testemunhado uma aparição, nas margens do Rio do Peixe, na véspera das catástrofes. Só quem, de início, não simpatizou com o moço foi Duarte Dias, "homem de gênio forte, além de maligno e injusto, sobre prepotência [...]".

Levaram o moço à missa e todos repararam nele. A tudo assistia calado "como se conseguisse, em si, mais saudade que as demais pessoas, saudade inteirada, a salvo do entendimento.

Na saída da missa, surgiu Duarte Dias, com alguns companheiros, requerendo a custódia do moço, pois julgava que ele era da família dos Rezendes, seus parentes. Mas Hilário Cordeiro não concordou, mantendo o moço consigo.

Hilário Cordeiro parecia ter sido recompensado por seu zelo, pois sua vida melhorou: "eis que tudo lhe passou a dar sorte, quer na saúde e paz, em sua casa, seja no assaz prosperar dos negócios, cabedais e haveres".

O moço também encantou a filha de Duarte, Viviana, moça muito bonita, mas triste. Ele colocou a palma da mão no seio de Viviana e ela "a partir dessa hora, despertou em si um enfim de alegria, para todo o restante de sua vida, donde um Dom".

Mas foi por ocasião “da missa da Dedicção de Nossa Senhora das Neves e vigília da Transfiguração”, que Duarte surpreendeu seus conhecidos. Chorando, implorava a custódia do moço, alegando que por ele sentia uma “fortíssima afeição”. Vendo isso, o moço, “claro como o sol”, o pegou pela mão e saiu com ele. Diz-se que o moço o conduziu a uma “grupiara de diamantes ou um panelão de dinheiro”. O certo é que Duarte Dias nunca mais foi o mesmo. Transformou-se num homem “sucinto, virtuoso e bondoso”.

O moço desapareceu no dia de Santa Brígida. Conta-se que José Kakende o ajudou, acendendo nove fogueiras, como o moço determinou. “Com a primeira luz do sol, o moço se fora, tidas asas.

A história acontece num passado já distante. O narrador preocupa-se em fornecer datas e lugares precisos para dar mais exatidão à insólita história do moço. Elke mesmo admite que: “ da maneira ainda hoje se conta, mas transtornado incerto, pelo decorrer do tempo, porquanto narrado por filhos ou netos dos que eram rapazes, quer ver que meninos, quando em boa hora o conheceram”.

A chegada do moço, cuja procedência permanece desconhecida até o final do conto, coincide com a ocorrência de uma série de fenômenos naturais. Isso, somado ao inusitado de seus traços individuais, a seu estranho desaparecimento e ao fato de que todos se transformam diante de sua presença, aproxima sua imagem à de um ser especial, enviando de outro planeta ou do plano divino. O conto pode ser classificado como fantástico.

15. Luas de mel

O conto tem como narrador Joaquim Norberto, proprietário da fazenda Santa-Cruz-da-Onça, espaço em que acontecem as ações do conto. Ele se define assim: “sou quase de paz, o quanto posso. [...] Sou remediado lavrador, isto é – de pobre não me sujo, de rico não me emporcalho”.

Joaquim Norberto preparava-se para a sesta, quando chegou um tal Baluardo com uma carta de Seo Seotaziano, seu ‘compadre-mor’, pedindo que ele hospedasse e protegesse um casal de noivos fugitivos. Joaquim Norberto prontamente aceitou a incumbência: pediu a Sá-Maria Andreza, sua mulher, para preparar os quartos, e pediu reforços aos conhecidos que, prontamente, enviaram homens e armas para colaborar na segurança do casal.

Naquela mesma noite, os noivos chegaram. Ela, “das lindas [...] só meio assombradinha, sorrisos desabafados. O moço-rapaz! – dos bons. Vi, com olho imediato”.

Essa noite e ainda outras duas, os noivos permaneceram em casa de Joaquim Norberto, resguardados por ele e por seus auxiliares.

No segundo dia em que o casal estava lá, chegou o padre, para casá-los. “Sá-Maria Andreza, minha mulher, com gosto dispôs o altar. Moço e Moça impavam. Amor é só amor. Airosos. Iam os dois, braço pelo braço. Vejam como são as paixões”.

Enquanto ceavam, após o casamento, chegou João Norberto, irmão do narrador, avisando do que se o Major Dioclécio – pai da noiva – atacasse. Seo Seotaziano viria “à frente de cem homens: dar a retaguarda”.

À noite, todos esperavam qualquer sinal dos Dioclécios. Já era madrugada quando os noivos se recolheram. Da parte dos Dioclécios, ninguém; Joaquim Norberto e Sá Maria Andreza também foram, felizes, para seu quarto. Norberto ainda segredou: “-Vamos dormir abraçados. As coisas que estão para a aurora, são antes à noite confiadas”. No outro dia, chegou o irmão da noiva com um serviçal. Amistoso, avisou que o pai mudara de idéia e esperava os recém-casados com uma festa. Eles agradeceram a hospedagem e foram embora.

Neste conto são valorizados os princípios do homem do sertão, tais como, a amizade e a lealdade aos amigos.

Importante é notar que Seo Seotaziano e esposa contagiam-se com a aventura do jovem casal, revivendo momentos de paixão e envolvimento. Eis por que as luas-de-mel.

16. Partida do audaz navegante

Os acontecimentos, narrados em 3ª pessoa, giram em torno de quatro crianças: três meninas – Pele, Ciganinha e Brejeirinha, irmãs – e um menino – Zito.

É de manhã e a mãe das meninas está às voltas com as lides da casa. Nurka, a cachorrinha, dorme. As crianças ainda estão em casa, porque, lá fora, chove.

O narrador nos informa a respeito das crianças: Pele, meiga e prestativa; Ciganinha, linda, o retrato da mãe; Zito, imaginativo, “sonhava ir-se embora, teatral”; Brejeirinha, a menor e mais arteira. Brejeirinha, como se pressentisse os sonhos de Zito, diz “-Zito, você podia ser o pirata, inglório marujo, num navio intacto, para longe, longe no mar, navegante que o nunca-mais, de todos?“,.. Empolgada, a menina começa a contar sua história: narra a partida de um “Aldaz Navegante” que deixa a todos que ama para descobrir os lugares, que nós não vamos nunca descobrir. A história termina com todos chorando por causa da partida do Aldaz. A história é interrompida por Pele: “-Você é uma analfabetinha “aldaz”, referindo a pronúncia inadequada da menina. Ciganinha não gostou da história: “Por que você inventou essa história de tolice, boba, boba?”

Brejeirinha responde: “- Porque depois pode ficar bonito, ué!”

Mas o tempo melhorou, a mãe ia visitar uma doente e as crianças pediram para ir riacho. “Mamãe deixava, elas não eram mais meninas de agarra-a-saia. Zito devia acompanhá-las, pois já era um ‘meiozinho’ – homem, leal de responsabilidades”.

As crianças dirigem-se alegres para o riacho: “Zito dando o braço a Ciganinha, por vezes, muito, as mãos se encontravam. Pele se crescia, elegante. E ágil ia Brejeirinha com seu casaquinho coleóptero. Ela andava pés-para-dentro, feito periquitinho, impávido.”

Já no riacho e em meio a brincadeiras, Brejeirinha pede a atenção de Zito e Ciganinha. Queria continuar sua história. Dessa vez, o "Aldaz" é pego de surpresa pelo mar, que leva seu navio.

Mas a menina perde o fio da história, e Pele, impaciente, aponta um estrume seco de vaca, dizendo "e-olha o seu aldaz navegante, ali. É aquele..."

Em cima do estrume ressequido – chamado por Brejeirinha de "bovino", crescera um cogumelo.

A menina enfeita o "bovino" com florezinhas. Todos riem e batem palmas: "-Pronto. É o Aldaz Navegante..."

Depois disso, Brejeirinha ainda continua a história. Conta que o Aldaz sozinho e temeroso "deu um pulo onipotente...Agarrou, de longe a moça, em seus braços...Então, pronto [...] Agora, acabou-se, mesmo: eu escrevi – 'Fim'".

A chuva recomeçava e cercava o "bovino". O "Aldaz" logo partiria, levado pelas águas. As crianças decidem mandar recados por ele: "-Zito põe um moeda. Ciganinha, um grampo. Pele, um chicle. Brejeirinha – um cuspinho, é o seu estilo. E a estória? Haverá, ainda tempo para recontar a verdadeira estória? Brejeirinha ainda inventa outro final. Dessa vez, o Aldaz e sua amada partem juntos, desde o início.

A chuva aumentava e Brejeirinha, assustada, tranqüiliza-se quando vê a mãe, "fada, inesperada, surgia, ali de contraflor".

Juntos observam a partida do "bovino": "Olha! Lá se vai o 'Aldaz Navegante'".

No conto, há duas histórias justapostas: a que nos conta o narrador, envolvendo as crianças; e a que Brejeirinha inventa sobre o "Aldaz Navegante".

A intenção é privilegiar a linguagem e o universo infantil, seus jogos e brincadeiras.

17. Benfazeja

A personagem principal é Mula-Marmela, uma indigente que vagueia pelas ruas do lugarejo, acompanhada pelo cego Retrupé, seu enteado.

O narrador dirige-se ao povo do lugar, condenando-lhes por seu completo descaso pela mulher.

Para conscientizá-los, ele conta o passado da Mula-Marmela, explicando os motivos de sua atual condição: ela fora casada com Munbungo, célebre cruel e iníquo, muito criminoso, homem de gostar do sabor de sangue, monstro de perversias. {A Mula-//marmela, Mumbungo amava e temia, como se pressentisse que somente ela poderia pôr fim a sua criminosa existência. E assim aconteceu, Mula-Marmela o matou.

A partir daí, viveu abandonada pelas ruas, na companhia do cego. Sobre Retrupé, aliás, o narrador indica que também teria sido ela a responsável por sua cegueira. Ela teria percebido nele a mesma estirpe demoníaca do pai e, por isso, o

teria cegado, com alguma planta venenosa, para que ele não pudesse cometer as mesmas atrocidades. "O Retrupé cegou, de ambos aqueles olhos. Souberam vocês como foi? Procuraram achar? Sabem, contudo, que há leites e pós, de plantas, venenos que ocultamente retiram, retomam a visão, de olhos que não devem ver".

Também teria sido ela a sufocá-lo, quando ele estava à morte, padecendo de dores terríveis, pois encontraram marcas de unhas em seu pescoço. Mas não quiseram acusá-la, pois, se o fizessem, teriam de agüentar sua indesejada presença na prisão da cidade.

Mula-Marmela partiu sozinha e sem o reconhecimento do povoado, apesar de tê-los livrado de dois desequilibrados.

E diz o narrador: "Vocês, de seus decretantes corações, a expulsavam. Agora, não vão sair a procurar-lhe o corpo morto, para, contritos, enterrá-lo, em festa e pranto, em preto?".

O narrador ainda conta que último gesto da Benfazeja, ao sair da cidade, foi carregar consigo um cachorra morto, já em estado de putrefação, como se ainda quisesse livrar o povoado de uma última chaga. "E nunca se esqueçam, tomem na lembrança, narrem aos seus filhos, havidos ou vindouros, o que vocês viram com esses olhos terrorosos, e não souberam impedir, nem compreender, nem agraciar".

O narrador do conto é um morador do lugar, que fala, dirigindo-se ao povo, recriminando-os por seu egoísmo. Seu discurso é argumentativo, ele faz a defesa da indigente injustiçada. O narrador do conto é revelador dos sentimentos inconfessados de uma comunidade.

18. Darandina

O narrador-personagem, médico plantonista de um hospital, conta-nos a história de um homem, distinto "sujeito de trato, tão trajado...", que, ao afanar inesperadamente a carteira de um chofer, viu-se perseguido e acabou refugiando-se no alto de uma palmeira, na praça pública da cidade. Logo os curiosos ajuntavam-se em volta da praça para ver o que se passava. Primeiramente, as pessoas julgaram que ele havia fugido do hospital; depois confundiram-no com o Secretário Municipal das Fianças Públicas. Nem um, nem outro.

Lá de cima, o homem gritava: "-Eu nunca me entendi por gente!....Vocês me sabem é de mentira" A praça, a essa altura, já estava repleta. Chegaram médicos, enfermeiros, padioleiros, alguns da polícia e muitos outros.

Estava lá também o professor Dartanhã que diagnosticava: "psicose paranóide hebefrêmica". Ao saber que o louco poderia ser o Secretário, completou: "..mas transitória perturbação, a qual, a capacidade civil, em nada lhe deixará afetada...."

Sem meios de retirar o homem do alto da palmeira com os recursos de que dispunham, decidem chamar os bombeiros. Por duas vezes, o louco, percebendo a intenção dos bombeiros, ameaçou atirar-se: "- Só morto me arriam, me apeiam! Se vierem, me vou, eu...Eu vomito daqui!" A multidão já se manifestava a favor do

louco: "Porque o povo o sentia e aplaudia, danado de redobrado: "-Viva, Viva".

Na Segunda tentativa dos bombeiros, ele já estava completamente nu, no alto da palmeira, e as autoridades quiseram tomar uma atitude mais enérgica. Mas os bombeiros nada conseguiram.

Outra tentativa foi a do diálogo: "O Dr. Diretor, mestre do urso e da dança, empunhava o preto cornetão, embocava-o [...] -Excelência!..., começou, sutil, persuasivo; mal. "-Excelência..." [...] Infundado o povo o apupou: "-Vergonha, velho".

Apesar de tentar ser persuasivo, o doutor não obteve sucesso nem com o louco, nem com a multidão, que o vaiou.

O homem só desceu do alto da palmeira quando, por algum tempo, retomou a consciência e, completamente envergonhado, gritou por socorro: "Penava - de vexame e acrofobia. Lá, ínfima, a louca, em mar, a multidão: infernal, ululava." A multidão, agora, recriminava-o, pronta a linchá-lo, porque perseveraram que ele havia recobrado a razão.

Quando descia, finalmente aceitando a ajuda dos bombeiros, proclamou, novamente desarrazado: "-Viva a luta! Viva a liberdade! A multidão, imediatamente, voltou a consagrá-lo: "Fez-se um monumental desfecho. Pegaram-no, a ombros, em esplêndido, levaram-no carregado. Ninguém poderia deter ninguém, naquela desordem do povo pelo povo."

No estudo introdutório de Primeiras Estórias, Paulo Rónai faz o seguinte comentário a respeito de Dar5andina: "O espetáculo tragicômico do demente encarapitado no alto de uma palmeira enseja um estudo de patologia individual, e outro, de patologia coletiva".

O crítico refere-se às mudanças de comportamento da multidão a partir das reações do louco. Esta reage positivamente à demência do desconhecido, contagiando-se e vibrando com ela.

19. Substância

"Substância" narra, em 3ª pessoa, a história de amor entre Maria Exita e Sionésio. Ele a trouxera para a fazenda Samburá, quando ela era ainda uma menina, por pena: a mãe havia abandonado a casa, seus dois irmãos eram criminosos e seu pai, leproso, também havia partido. Na fazenda, aceitaram-na porque a velha Nhatiaga, peneirinha de polvilho, compadecera-se dela. À Maria Exita deram porém "ingrato serviço, de todos o pior: o de quebrar, à mão, o polvilho, nas lajes".

A fazenda mantinha-se do plantio da mandioca e da produção de farinha e polvilho. Sionésio herdou-a. "Prazer era ver, aberto, sob o fim do sol, o mandiococal de verdes mãos. Amava o que era seu - o que seus fortes olhos aprisionavam".

Não reparou nela enquanto, quieta e imperturbável, crescia, transformando-se numa linda moça" - ela, flor.

Sionésio vai-se apaixonando por Maria Exita. "Todo esse tempo. Sua beleza, donde vinha? Sua própria, tão firme pessoa? A imensidão do olhar – doçuras. Se um sorriso, artes como de um descer de anjos. Sionésio nem entendia. Somente era bom, a saber feliz, apesar dos ásperos".

Ele preocupa-se com o fato de que alguém pudesse afastar sua quente presença para longe dele. Traqüilizou-se, porém, quando soube que a evitavam, pois temiam seus irmãos criminosos ou que ela fosse como a mãe, leviana, ou ainda, que se tornasse leprosa como o pai.

Sionésio resolve, por fim, manifestar seus sentimentos: "-Você, Maria, quererá, a gente, nós dois, nunca precisar de se separar? Você, comigo, vem e vai?"

Maria aceitou o pedido: "Vou, demais". E desatou um sorriso. Ele nem viu. Estavam lado a lado, olhavam para frente.

"Substância" tem como personagem principal Sionésio, homem simples, trabalhador e calado. O vocabulário reduzido limita-lhe a expressão, não a sensibilidade. O narrador, em 3ª pessoa, onisciente, fala por ele, transformando seus sentimentos em linguagem.

20. Tarantão, meu patrão

O conto é narrado em primeira pessoa, por vagalume, empregado de uma fazenda, cuja função é tomar conta do velho Iô João-de-Barros-Dinis-Robertes, homem "sem escasso juízo". O velho já tinha feito vários escândalos, constringendo sua família, tradicional na região.

Naquele dia, o velho acordara especialmente mal intencionado. Afobado, dirigira-se ao curral a fim de aprontar o cavalo e ir à cidade: "-Ei, vamos, direto, pegar o Magerinho, com ele hoje eu acabo!" Magerinho, seu sobrinho-neto, era médico e lhe havia prescrito injeções e lavagem intestinal da última vez que o tratara.

Enquanto cavalgavam em direção à cidade, o velho, alterado, prometia vinganças: "- Mato sujos e safado!" "Mato mortos e enterrados", "Mato o Magerinho, é hoje, mato e mato, mato, mato!"

No caminho, arrebanham mais seguidores. Estava em cinco, quando chegam ao arraial do Breberê, em meio a uma procissão. Lá, o velho distribui dinheiro, toma a bênção do padre e consegue mais um ajudante. Na continuação da viagem, outros.

Ao chegar à cidade, destino do velho Tarantão, estão em quinze, o grupo já se sentia orgulhoso de sua condição, contagiados pela valentia de seu líder.

Na casa, acontecia a festa de batizado d filha do Magerinho. O velho Tarantão e sua escolta entraram sem pedir licença, surpreendendo a todos a todos os presentes. Ele pediu a palavra, maldiz-se que o que falou eram baboseiras, nada, idéias já dissolvidas". Interrompeu seu discurso sem sentido quando quis e só aceitou para ficar se seus homens também o acompanhassem.

Ele e seus cavaleiros comeram e beberam. O velho, alegre, "sorria definido para a gente. Não houve demo. Não houve mortes". Entende-se no final, que Vagalume

se afeiçoara ao velho e muito lamenta sua morte, quando esta ocorre.

No decorrer do conto, Vagalume apelida seu patrão de Tarantão, onomatopéia que reproduz o barulho dos cavalos durante a heróica viagem. Observe a passagem em que isso acontece: "Num galopar, ventos, flores. Me passei para o lado do velho, junto - ...tapatrão, tapatrão... tarantão... tarantão... - e ele me disse: nada [...] Tarantão, então em nome em honra, que se assumiu, já se vê. Bravos!"

O narrador também confere ao termo uma conotação de bravura e grandeza, intensificada pelo sufixo aumentativo ão: "Dei um soluço, cortado. Tarantão - então....Tarantão....Aquilo é que era."

21. Os Cimos

O conto retoma o mesmo personagem de "As margens da Alegria". Em "Os Cimos", o menino retorna à grande cidade que estava sendo construída; desta vez, só na companhia do tio. Mandaram-no para lá porque sua mãe estava seriamente doente, e queriam afastá-lo do problema.

Contudo, já durante a viagem de avião, o menino percebe as atenções exageradas que são dirigidas a ele e entende os motivos pelos quais ele fora afastado de casa: "O menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam".

Quando chegaram, não sentia vontade de brincar, nem de passear. À noite, não conseguia dormir. Nada o motivava, lembrava-se da mãe: "Soubesse que um dia a Mãe tinha de adoecer, então teria ficado sempre junto dela[...] Nem teria brincado, nunca, nem outra coisa nenhuma, senão ficar perto, de não se separar nem para um fôlego, sem carecer de que acontecesse o nada".

No dia que se seguiu ao de sua chegada, desde cedo, o menino já estava desperto no alpendre da casa, quando, olhando os cimos das árvores, avistou um tucano. A ave, contra a luz do sol, no topo da árvore, encantou-a. Desde então, todas as manhãs, procurava o animal, "esperava; pelo belo. Havia o tucano - sem jaça - em vôo e pouso e vôo". A excelência do pássaro o contagiou e, mesmo quando chegaram más notícias sobre a saúde da mãe, o menino, imperturbável, "disse, redisse: que a Mãe nem nunca tinha estado doente, nascera sempre sã e salva! O vôo do pássaro habitava-o mais".

Depois de quatro dias, chegou a notícia de que a mãe do menino estava curada. O menino e o tio então voltaram.

O narrador em 3ª pessoa, onisciente, é quem verbaliza os pensamentos do menino, em confronto com a dor e ameaça de perda da mãe.

Em "O Cimos", último conto de Primeiras Estórias, as vivências infantis são novamente tematizadas.